



APRESENTAÇÃO:

Fátima Bueno¹

USP

Lisa Carvalho Vasconcellos²

UFBA

O ano de 2015 foi uma data de celebração para grande parte da comunidade de língua portuguesa. Nesta ocasião, se comemoraram os 40 anos de independência de todos os países africanos (com exceção de Guiné Bissau) que, no passado, foram mantidos como colônias por Portugal³. Adotando essa efeméride como mote, a Revista Estudos Linguísticos e Literários veio então a propor o pós-colonialismo luso-africano como tema para o seu 53º número

¹ fabueno@usp.br

² lisa.vasconcellos@gmail.com

³São eles Moçambique (25 de junho de 1975), Cabo Verde (5 de julho de 1975), São Tomé e Príncipe (12 de julho de 1975) e Angola (11 de novembro de 1975). Guiné Bissau, por sua vez, fez a sua independência um pouco antes, em 10 de setembro de 1974.

(JAN-JUL de 2016). Nosso propósito foi com isso recuperar a memória dos conflitos coloniais e refletir sobre os seus fundamentos e continuidades no presente. Gostaríamos de entender em profundidade o papel da arte, com suas muitas implicações políticas e sociais, nesse contexto.

Fomos contemplados em nossas expectativas, recebendo inúmeros trabalhos que se dedicaram em especial as narrativas literárias e cinematográficas da pós-independência. Os países contemplados foram vários, e Portugal não poderia deixar de ser um dos destaques.

Assim, o número abre com dois textos sobre a literatura do país. O primeiro, de Cyd Ottoni Bylaardt, reflete sobre a obra de António Lobo Antunes, o autor da contemporaneidade que talvez tenha melhor compreendido e elaborado a ambígua posição portuguesa, de algoz e ao mesmo tempo vítima desse processo histórico. O segundo, de autoria de Daniel Vecchio Alves, percorre a obra ensaística de Miguel Real e Eduardo Lourenço⁴ procurando reconstruir e entender a ligação que ambos fazem entre os mitos heroicos de conquista portugueses (recolhidos e elaborados principalmente pelo romantismo) e a literatura do presente.

A seguir, o número contempla a obra de autores africanos e portugueses que procuraram elaborar as perdas e a violência do conflito, enfocando as experiências singulares de povos e indivíduos. Esse é o caso do livro *Costa dos murmúrios* (Lídia Jorge, 1988), objeto do artigo “Os nós e seus murmúrios” de Ivana Pereira Melo e Tânia Sarmento- Pantoja. É também o que acontece em *Vinte e zinco* (1999) de Mia Couto, livro abordado por Maria Perla Araújo Moraes em “Os muitos cravos de abril”. O escritor angolano Pepetela é outro que ganhará destaque aqui. No quinto artigo, os autores Daniel Conte e Paula Terra Nassr discutem a partir de duas obras do autor algumas das dificuldades enfrentadas por Angola no contexto pós-independência.

⁴ Este também um dos grandes elaboradores do conflito. Vide para isso *Do colonialismo como nosso impensado*. Lisboa: Gradiva, 2014.

Mas se é impossível fugir ao conflito como tema em muitas das obras pós-75, em outras ele se imiscui (como teorizou Adorno) na forma. Entre as estratégias formais que aparecem em várias dessas obras, sobressaem o fantástico e seus desdobramentos, o discurso distópico, o texto oblíquo e pleno de lacunas do testemunho e do trauma. Elaboram esses aspectos, respectivamente os textos de Fábio Salém Daie (sobre Mia Couto e Alejo Carpentier), Caroline Valada Becker (sobre a obra Sandro William Junqueira) e Ana Paula Silva (sobre António Lobo Antunes).

Também o cinema, em especial o novo cinema que tem sido produzido pelos países africanos de Língua Portuguesa, mereceu destaque em no volume. No texto “O drama da Descolonização” Carolin Overhoff Ferreira apresenta os resultados de um profundo e complexo trabalho de pesquisa histórica e arquivística, trazendo para nós um panorama do cinema pós-75 nos países africanos de língua portuguesa. Partindo das primeiras iniciativas cinematográficas -- que nesses países visavam principalmente documentar o conflito colonial e trazer consciência e informação para uma população em grande parte ágrafa -- aos dias de hoje, o artigo acompanha as transformações e influências sofridas pelo cinema africano nas últimas quatro décadas. Já o artigo “Luta ca caba inda” de Paulo Cunha, discorre sobre o trabalho de Filipa César, teorizadora e fundadora de um arquivo cinematográfico na Guiné Bissau.

A seção temática se encerra com uma resenha do livro *Uma história de regressos* de Margarida Calafate Ribeiro. Lançado em 2004 em Portugal, mas sem edição brasileira até o momento, esse livro, aqui resenhado por Fernanda Fátima da Fonseca Santos, tece um panorama da produção literária do século XX português, elegendo a guerra e o conflito como temas marcantes da história cultural desse país.

A seção VÁRIA se inicia com um texto sobre Monteiro Lobato e seu conto “Negrinha”. O conto é um dos poucos em que o autor, conhecido por

posições retrógradas e até racistas, dá uma visão violenta e problemática da escravidão. Aqui ele é lido por Jakob dos Santos Biziak a partir dos temas do feminino e da subalternidade.

Em seguida, há uma sequência de artigos sobre poesia estrangeira. No primeiro deles, “Lugares, Micropaisagens”, Carolina Anglada de Resende nos fala sobre a construção de imagens da escrita – associadas aqui às formas naturais da vida subterrânea – nas obras dos escritores portugueses Herberto Helder e Carlos de Oliveira. No segundo, Deyse Santos Moreira apresenta a obra pouco conhecida do poeta Luis Quintais. No texto “Poesia e resistência”, ela enfatiza o aspecto marginal da produção do autor e seu caráter de oposição ao regime vigente das coisas.

Finalmente, fechamos o volume com dois textos sobre o grande poeta francês Charles Baudelaire. Em “Violência do sentido e sentido da violência”, o professor Emílio Roscoe Maciel analisa o poema em prosa “A moeda falsa”; e no último texto, Eduardo Horta Nassif Veras faz a resenha do livro *Le siècle de Baudelaire* de Yves Bonnefoy, ainda inédito no Brasil.

Desejamos a todos uma boa leitura!